

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Os conflitos entre integralistas e antifascistas na imprensa bauruense (1934-1937)

VINÍCIUS DOS SANTOS ARANTES
Mestre em História Social (FFLCH/USP)
Contato: viniciusarantes26@gmail.com

Resumo

Neste trabalho, procuro entender a atuação, as disputas e principalmente os conflitos entre integralistas e os diversos grupos e partidos que compunham os movimentos antifascistas, com maior destaque para os comunistas, a partir das representações construídas sobre eles nas páginas dos jornais bauruenses no período entre 1934 e 1937. Na primeira parte apresentarei uma contextualização da atuação de grupos fascistas e antifascistas no Brasil entre o início da década de 1920 e meados da década de 1930, inclusive em Bauru, levando em conta principalmente a radicalização política-ideológica e as intensas disputas entre esses grupos no país como parte de um contexto maior de acirramento da luta entre grupos fascistas e antifascistas a nível mundial na década de 1930. Na segunda parte do trabalho analisarei como esse contexto maior de lutas políticas se relacionou com o contexto local, apresentando como as relações entre os diversos personagens e grupos que atuavam na cidade chegaram ao ponto de um violento conflito de rua ocorrido em 3 de outubro de 1934, além de analisar as disputas políticas entre esses grupos ocorridas posteriormente, até 1937, principalmente no âmbito do sindicalismo ferroviário, e a forma que elas foram retratadas pelos periódicos.

Palavras-chave: Integralismo; Antifascismo; Bauru (SP).

Breve histórico do Fascismo e do antifascismo italiano no Brasil

Em um primeiro momento, na década de 1920 e até o início da década de 1930, a atuação de fascistas e antifascistas no Brasil ocorreu principalmente nas colônias italianas do país, como uma espécie de reprodução das disputas políticas que ocorriam na Itália no mesmo período. Segundo Bertonha (2008: 27), desde o início de suas atividades, o partido fascista, e depois, o governo fascista, procuraram transferir seus ideais para os concidadãos residentes em outros países. Além da propaganda do movimento fascista italiano, outros elementos compunham a chamada “diplomacia subversiva” da Itália fascista, ou seja, a política externa além da relação com os governos estrangeiros, como a mobilização dos italianos do exterior e os contatos com

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

2

os movimentos fascistas locais, com o objetivo de difundir o ideal fascista na opinião pública e obter o máximo possível de influência italiana em diferentes países (BERTONHA, 2008: 66).

Assim, de maneira geral, o trabalho de propaganda fascista italiana no Brasil pode ser dividido em dois períodos: o primeiro, na década de 1920, quando foi voltado praticamente aos italianos e seus descendentes residentes aqui; e o segundo, a partir do início da década de 1930, quando começa a ser montada uma estrutura mais desenvolvida de propaganda política da cultura italiana e da política fascista voltada para atingir os brasileiros em geral, e não apenas a comunidade italiana, por meio de vários materiais como textos enviados da Itália a serem publicados em jornais e revistas, fotos, distribuição de livros, realização de conferências e até exibição de filmes. A quantidade de conteúdos e materiais fascistas circulando chegou a atingir um grande volume, e o objetivo da montagem dessa máquina de propaganda era levar aos italianos e brasileiros valores e ideias que os fizessem simpatizar com o Fascismo, que buscava ampliar sua influência não só sobre a colônia ítalo-brasileira, mas também sobre toda a sociedade e o governo brasileiro (BERTONHA, 1998: 251-257).

É importante destacar que nesse mesmo período o antifascismo teve grande presença fora da Itália, principalmente a partir da segunda metade da década de 1920, devido ao grande número de militantes antifascistas que estavam fugindo das perseguições políticas que ocorriam no país, mas essa atuação ocorreu de maneira turbulenta, marcada por grandes divisões e conflitos. Como uma espécie de extensão dos debates entre parte dos partidos italianos a respeito da melhor estratégia de combate ao Fascismo, os antifascistas italianos no exterior fundaram organizações distintas, com táticas diversas e, muitas vezes, conflitantes para combater o Fascismo. Tal contexto também influenciou a atuação dos militantes antifascistas no Brasil, muitos dos quais estavam reunidos em torno do jornal paulistano *La Difesa*, fundado em 1923, e que frequentemente buscavam apoio e reconhecimento das organizações antifascistas fundadas e atuantes na Europa, principalmente da *Concentrazione d'azione Antifascista*. Fundada em 1927 por socialistas de posição mais moderada, essa organização não adotava a estratégia de ação direta contra o Fascismo (BERTONHA, 1993: 21-23). Essa característica, além da própria debilidade do movimento antifascista no Brasil em seus

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

3

primeiros anos, pode explicar parcialmente a ausência de conflitos diretos violentos entre fascistas e antifascistas por aqui até o início da década de 1930.

Segundo Bertonha (2008: 119), no Brasil, aparentemente a coletividade italiana parece ter dado uma resposta mais positiva frente ao esforço fascista de conquistá-la do que em outros países vizinhos, o que não significa que houve uma grande adesão ao Fascismo, mas, provavelmente, uma simpatia maior em relação a ele. Além disso, havia na sociedade brasileira da época uma simpatia específica em relação à Mussolini e ao Fascismo, que era “visto como o iniciador de uma era de estabilidade e progresso para a Itália e como o criador de um remédio apto a resolver os problemas sociais do capitalismo sem cair no comunismo”.

Como exemplo disso, foram encontradas representações positivas sobre o fascismo italiano em parte dos jornais bauruenses desse período. Alguns textos de opinião publicados no *Correio da Noroeste* em 1934 não escondiam suas simpatias em relação ao Fascismo italiano e outros regimes considerados como ideologicamente próximos a este, associando-os às imagens de “ordem, paz e segurança” em contraposição às ideias de “caos” e “desorganização” que seriam causadas pelo “materialismo”, representado pelo Liberalismo e o Comunismo na visão dos articulistas¹. Dessa forma, havia um ambiente favorável que certamente contribuiu para que os ideais fascistas tenham sido amplamente divulgados e, inclusive, mais aceitos por uma parcela expressiva da opinião pública brasileira do que as ideias antifascistas, ao menos durante a década de 1930.

Portanto, considerando esse contexto, é fundamental ressaltarmos que as atuações de fascistas e antifascistas italianos na década de 1920 e início da década de 1930, como descritas brevemente aqui, foram essenciais para preparar o terreno e influenciar a atuação de fascistas e antifascistas brasileiros poucos anos depois, em meados da década de 1930.

Integralistas e fascistas italianos em Bauru

O contexto mundial no período das décadas de 1920 e 1930, marcado por crises econômicas e políticas, contribuiu para o surgimento e o crescimento de movimentos autoritários e conservadores, assim como do anticomunismo. No caso do Brasil, de

¹ *Correio da Noroeste*, 11/04/1934: 3. Arquivo do Museu Ferroviário Regional de Bauru (MFRB); *Correio da Noroeste*, 13/04/1934: 4. Arquivo MFRB.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

4

acordo com Carneiro (2010), as ideias de extrema-direita emergiram em vários pontos do país entre 1922 e 1945, partindo de variados núcleos de produção, como o Estado, setores conservadores da Igreja Católica e da imprensa, além de parte significativa das comunidades de imigrantes, como italianos e alemães e seus descendentes. Além disso, mesmo antes da tomada do poder por Vargas em 1930, as leis de exceção criadas pelo Estado brasileiro, de certa forma, prepararam o país para receber as propostas nazifascistas.

Portanto, foi no contexto mundial de crise do liberalismo e avanço do Fascismo enquanto ideologia no início da década de 1930, em conjunto com contexto nacional de uma cultura política autoritária em formação, que a Ação Integralista Brasileira (AIB) foi fundada em outubro de 1932. Levando em conta suas diretrizes ideológicas e suas características, o Integralismo foi caracterizado como um movimento fascista, embora não se possa reduzi-lo ao simples resultado de um mimetismo ideológico em relação aos fascismos europeus (CAVALARI, 1999: 33), devendo se considerar também como a tradição do pensamento político autoritário brasileiro teve um papel importante na formação da doutrina integralista (TRINDADE, 1974:278). Defendendo uma ideia de organização da sociedade completamente oposta à que era defendida pelos comunistas, os integralistas se aproximaram de uma tradição autoritária nacional e, em parte, do projeto político do regime varguista.

Além dessa tradição autoritária, como visto anteriormente o governo fascista italiano buscou construir uma grande estrutura de propaganda dedicada a difundir o Fascismo no Brasil, espalhando suas células em todo o país. Em sua tarefa, obteve um sucesso maior em conseguir adeptos em áreas urbanas e onde italianos natos e de classe média estivessem presentes em grande quantidade, mas havia um sentimento genérico de apoio ao Fascismo predominante em algumas regiões. Em todo o país, integralistas tiveram um relacionamento próximo com nazistas e, especialmente, fascistas italianos, o que ajudava a trazer os filhos de italianos e alemães para a Ação Integralista. Essa atração dava-se pelo fato de que muitos desses descendentes de italianos e alemães apreciavam os regimes autoritários dos países de origem de seus pais, mas queriam, ao mesmo tempo, se mostrarem como brasileiros nacionalistas e ativos na política nacional. Para Bertonha (2008: 221-222), apesar de ser geral em todo o Brasil, essa identificação foi

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

5

um fator central de atração para o Integralismo principalmente nos estados onde a massa imigrante era maior, como os três estados do sul, o Espírito Santo e São Paulo.

Esse padrão parece se reproduzir, em certa medida, na maioria das cidades do interior paulista colonizadas por italianos. Em Bauru havia a presença de organizações fascistas na década de 1930, como a *Dopolavoro*, um *fascio* e, inclusive, a presença de um vice-consulado representando o governo fascista perante a comunidade italiana local², e era comum a divulgação de eventos dessas organizações pela imprensa local. Um exemplo disso aparece na edição de 19 de fevereiro de 1934 do *Correio da Noroeste*, na qual um texto divulgava informações sobre uma festa realizada na sede local da *Dopolavoro*, na qual foram entregues diplomas do governo italiano, pelas mãos do vice-cônsul local, para pessoas que prestaram serviços relevantes à instituição. Ao longo da notícia foi ressaltada a suposta relação de amizade entre italianos e brasileiros e sua longevidade, o que mostra a proximidade e simpatia de, ao menos, parte da sociedade local em relação ao governo fascista italiano³.

Algumas pesquisas como a de Ribeiro (2004), parecem indicar que em cidades menores havia uma suavização das contradições existentes no relacionamento entre fascistas e integralistas, e que em alguns casos esses grupos pareciam viver uma relação próxima e que dava força aos dois. Assim, a ação de propaganda do Fascismo no Brasil foi fundamental para a criação e o desenvolvimento do movimento fascista nacional, o Integralismo, e também, indiretamente, do Estado Novo de Vargas. **Portanto**, de certa forma, aos fascistas italianos coube um importante papel na guinada à direita da sociedade brasileira no entre guerras (BERTONHA, 2008: 113-125).

A partir das informações fornecidas pela historiografia sobre o Integralismo, sabemos que durante seu período oficial de atuação, entre o final de 1932 e o início de 1938, a AIB atingiu grande popularidade em várias regiões do Brasil, tornando-se o primeiro partido de massas do Brasil (CAVALARI, 1999: 34). No caso de Bauru, não encontrei dados confiáveis sobre o número de integralistas na cidade em todo o período abordado nesta pesquisa, mas, segundo texto publicado pelos próprios militantes locais, em meados de outubro de 1934 o núcleo integralista local contava com cerca de 100

² *Correio da Noroeste*, 23/03/1934: 1. Arquivo MFRB.

³ *Correio da Noroeste*, 19/02/1934: 4. Arquivo MFRB.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

6

membros e 150 “cooperadores”⁴, o que pode se referir aos simpatizantes que participavam com alguma regularidade das atividades desse núcleo. Mesmo que o número possa ser questionado, considerando as fontes, ainda sim pode nos fornecer uma visão geral da dimensão da presença da AIB em Bauru. De qualquer forma, parece claro que o Integralismo conseguiu alcançar grande inserção social nesse período.

O antifascismo brasileiro na década de 1930 e seus conflitos com o integralismo

O período da primeira metade da década de 1930 marca um ponto de virada para a história do antifascismo no país, com a aproximação entre os antifascistas italianos, atuantes principalmente em São Paulo desde a década de 1920, e parte da esquerda brasileira, que com a ascensão do nazismo na Alemanha e o surgimento do Integralismo, passou a enxergar no fenômeno fascista um perigo real. Assim, o mais importante a se destacar é como esse período, especialmente entre os anos de 1933 e 1934, representou um momento em que os antifascistas italianos lograram aproximar-se da opinião pública brasileira e formar uma aliança com a esquerda nacional, o que foi uma grande novidade na história do antifascismo no país. A partir desse momento, as disputas entre fascistas e antifascistas já não ocorreram mais principalmente dentro das colônias italianas no Brasil, extrapolando o espaço ocupado em anos anteriores e atingindo grupos nacionais que se articularam entre movimentos de inspiração fascista, principalmente o Integralismo, e frentes antifascistas compostas principalmente por grupos de esquerda brasileiros, como socialistas e comunistas (tanto trotskistas como os militantes do PCB), mas também em menor grau anarquistas.

Assim, como forma de resposta ao avanço fascista, representado principalmente pelo surgimento e crescimento da AIB, as esquerdas brasileiras articulam-se por meio da formação de organizações antifascistas. E para isso, contaram com a ajuda dos antifascistas italianos aqui presentes e que já participavam da luta contra o Fascismo desde a década anterior. Nesse período do início da década de 1930, algumas das figuras mais importantes do antifascismo italiano no Brasil passaram a participar ou colaborar com o incipiente movimento antifascista brasileiro, como aqueles que atuavam ou haviam atuado no principal veículo de propaganda antifascista italiana no país, o jornal *La Difesa*.

⁴ *Correio da Noroeste*, 17/10/1934: 1. Arquivo MFRB.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

7

Em seus últimos anos de vida (1933 e 1934) o *La Difesa* passou a mencionar as nascentes organizações antifascistas brasileiras, como a Frente Única Antifascista (FUA), convocando os antifascistas a participarem de um comício em dezembro de 1933 e noticiando as ameaças integralistas a essa organização no início de 1934 (CASTRO, 1999: 54-55). Francesco Frola, antigo diretor do jornal, teve papel importante no contato entre os militantes italianos e brasileiros, pois sempre buscou de forma persistente a formação de uma frente única e, a partir de 1932, em um momento em que o antifascismo italiano no Brasil perdia força, aproximou-se dos antifascistas brasileiros, principalmente da seção paulista do Partido Socialista Brasileiro (PSB), do qual se tornaria filiado, mas também dos trotskistas da Liga Comunista (LC), servindo como um elo entre diferentes grupos e diferentes gerações de antifascistas (CASTRO, 1999: 58-59).

As marchas integralistas que começaram a ocorrer em 1933 e a atuação dos fascistas italianos desde a década anterior eram vistas pelos antifascistas, italianos e brasileiros, como partes do mesmo todo, de uma mesma ideologia e projeto político que representava, ao fim, a repressão contra as esquerdas e as organizações de trabalhadores, e por isso era necessário fazer contrapropaganda e combater o Fascismo em suas variadas formas, buscando atrair para o antifascismo não só os brasileiros, mas também os italianos e seus descendentes que viviam no país e que eram alvos da política externa fascista. Nesse sentido, no dia 25 de junho de 1933 foi fundada a Frente Única Antifascista (FUA), formada principalmente por trotskistas e socialistas, em reunião liderada pelo dirigente do PSB paulista, o antifascista italiano Francesco Frola (CASTRO, 2002: 360).

Muitos dos comícios e atos públicos da FUA foram, na verdade, contracomícios marcados para impedir marchas e atos integralistas que passavam a ocorrer cada vez com mais frequência, com o objetivo de impedi-los de controlar simbolicamente o espaço público, algo que era muito valorizado pelos seguidores do Sigma. Os camisas-verdes também usavam da mesma estratégia, marcando presença nos eventos organizados pela Frente Única Antifascista com o objetivo de intimidar e agredir seus participantes. Essa atitude da FUA caracterizava seu antifascismo mais como de caráter defensivo, o que pode ser explicado pelo contexto histórico e político desfavorável

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

8

naquele período. Apesar de seu enfraquecimento gradual, a Frente Única Antifascista continuou a atuar ao longo de 1934, mas outros grupos e organizações passaram a se destacar, como o Comitê Antiguerreiro do PCB, após a adoção da política de frente popular contra o Fascismo fruto das mudanças de orientações do Comintern (CASTRO, 2002:370-373). A radicalização política à esquerda e à direita, principalmente no segundo semestre daquele ano, agravou as disputas entre fascistas e antifascistas levando a conflitos diretos e violentos nas ruas de diversas cidades, inclusive em Bauru.

Desde abril os integralistas tinham iniciado a realização de desfiles, levando um grande número de militantes às ruas das mais importantes cidades do país. Dessa forma, tanto a AIB como as esquerdas buscavam atrair o olhar da população, competindo pela ocupação do espaço público e pela presença cada vez maior de apoiadores em seus eventos. Apesar de não ter atingido seus maiores objetivos, a FUA teve um importante papel em atrapalhar a AIB e suas tentativas de conquistar o espaço público, ao menos até 1935, por meio de sua propaganda antifascista nas páginas de *O Homem Livre*, e principalmente por meio de sua tática de contracomícios (CASTRO, 2002: 373-374). O crescente acirramento da disputa entre fascistas e antifascistas pelo espaço público ocorreu a partir de agosto, tornou-se mais forte nos meses seguintes e atingiu seu ponto máximo nos últimos meses de 1934, com confrontos violentos e mortes de militantes, como foi o caso de Bauru em 3 de outubro e de São Paulo em 7 de outubro, em que os integralistas foram impedidos de terminar suas marchas. Não podemos nos esquecer de que esse acirramento entre fascistas e antifascistas ocorria a nível global, com confrontos violentos não só no Brasil, mas também em outros países, como na França em fevereiro do mesmo ano (CASTRO, 2002: 354).

As disputas e o conflito entre integralistas e antifascistas em Bauru

O conflito em Bauru ocorreu em meio a uma visita do chefe nacional da AIB, Plínio Salgado, no dia em que ele pretendia realizar uma conferência sobre a doutrina integralista para os camisas-verdes e simpatizantes em um clube da cidade. Além de Bauru, Salgado pretendia visitar outras cidades da região nos dias posteriores para divulgar a doutrina integralista, inclusive com o objetivo de fomentar a instalação de futuros núcleos da AIB nessas cidades⁵. No dia 3 de outubro, além do evento marcado

⁵ *Gazeta da Noroeste*, 03/10/1934: 1. Arquivo USC.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

9

para aquela noite, os integralistas haviam planejado antes uma marcha que percorreria as ruas do centro da cidade, buscando o chefe integralista em seu hotel e escoltando-o até o local da conferência. Quase no mesmo horário, ocorreria uma assembleia extraordinária do Sindicato dos Empregados da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (NOB), cuja diretoria era composta principalmente por comunistas e outros grupos de esquerda (POSSAS, 1993: 42-45).

Os integralistas iniciaram seu desfile por volta das 19 horas, buscando causar impacto nos espectadores com tambores, bandeiras e cerca de 80 militantes⁶, inclusive com a presença de camisas-verdes de núcleos de outras cidades do interior paulista. Ao percorrerem seu caminho, passaram em frente ao sindicato dos ferroviários. De acordo com as testemunhas ouvidas no inquérito policial posterior, em um determinado momento, quando passavam pela principal rua comercial da cidade, além do barulho do desfile e dos simpatizantes do Sigma, começaram a ser ouvidas vaias, assobios e gritos contra os integralistas partindo de várias pessoas, principalmente de membros do sindicato. Após um determinado tempo de confronto sonoro e intensificação das agressões verbais, aparentemente houve uma disputa pela posse da bandeira nacional que estava em mãos dos camisas-verdes, e em seguida começaram a ser ouvidos disparos de origem indeterminada que deram início a um tiroteio. Com pelo menos 30 tiros disparados em direções diversas e cravados nos muros, o saldo do conflito foi de um morto, o camisa-verde Nicola Rosica, e quatro feridos, também todos integralistas (POSSAS, 1993: p. 45-48). Assim ocorreu o primeiro conflito direto e armado entre fascistas e antifascistas no Brasil.

Para entendermos melhor esse evento devemos analisar mais profundamente o contexto local e a atuação de integralistas e antifascistas na cidade no período em que ocorreu o conflito, além de apontarmos o papel político da imprensa bauruense em sua cobertura jornalística nesse contexto.

A visita do líder máximo do Integralismo começou a ser informada ao público com mais de um mês de antecedência, no final de agosto⁷, o que mostra a importância atribuída ao evento e o potencial apoio e/ou simpatia de parte considerável da sociedade

⁶ *Correio da Noroeste*, 04/10/1934: 1. Arquivo MFRB.

⁷ *Correio da Noroeste*, 30/08/1934: 2. Arquivo MFRB.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

10

bauruense aos ideais fascistas naquele momento. O núcleo integralista da cidade havia sido fundado há pouco tempo, mas as notícias sobre suas atividades e sua ideologia já estavam sendo divulgadas anteriormente. O anúncio da visita de Salgado precedeu, inclusive, a instalação oficial da sede do núcleo integralista bauruense, que só ocorreu no dia 1º de setembro de 1934, embora já houvesse um grupo de militantes que realizavam reuniões em sedes improvisadas desde abril daquele ano (POSSAS, 1993:65). Além disso, parte da imprensa noticiava eventos públicos de divulgação da doutrina integralista na cidade desde o começo de agosto⁸ e publicava textos doutrinários e propagandísticos escritos por um militante local desde julho, inclusive com forte teor anticomunista⁹. Dessa forma, o noticiário a respeito da visita nas semanas anteriores gerou uma expectativa junto ao público leitor.

Com um número crescente de adesões ao Integralismo na cidade, as filiações de algumas pessoas de destaque e “prestígio” local, inclusive de um ex-prefeito, eram citadas nas páginas do *Correio da Noroeste*¹⁰ como uma forma de dar maior legitimidade ao movimento. Assim, através de suas páginas, parte da imprensa local (principalmente por meio dos jornais *Correio da Noroeste* e *Correio da Semana*) tentou criar um ambiente favorável aos ideais fascistas na sociedade bauruense, dentro de um contexto maior de acirramento das disputas entre fascistas e antifascistas a nível nacional e internacional. Do lado oposto aos fascistas locais, o grupo de antifascistas bauruenses era composto em sua maioria por ferroviários, articulados principalmente dentro do já citado sindicato dos ferroviários da NOB. Apesar de não haver uma organização especificamente antifascista na cidade, havia um grupo de trabalhadores que estava vinculado às organizações já presentes na luta antifascista, como a FUA, além dos militantes do PCB que também contavam com uma presença política significativa na cidade, especialmente entre os ferroviários.

A cobertura da imprensa bauruense sobre o caso contribuiu para corroborar a versão de que os integralistas seriam simples vítimas, ao afirmar que estes teriam sido atacados por “elementos que se supõem pertencer ao Partido Comunista”, que teriam armado uma “emboscada” e atirado “pela rectaguarda” contra uma “columna de integralistas

⁸ *Correio da Noroeste*, 08/08/1934: 1. Arquivo MFRB.

⁹ *Correio da Semana*, 16/07/34, p. 2. Arquivo USC.

¹⁰ *Correio da Noroeste*, 07/09/1934, p. 2. Arquivo MFRB.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

11

que desfilavam pacificamente pela rua”, sendo Nicola Rosica “a primeira vítima do integralismo que tomba no Brasil”¹¹. A imprensa da capital paulista também noticiou o conflito em Bauru acusando os “operários de Bauru” como responsáveis pelo conflito e mostrando os camisas-verdes como vítimas¹², embora sem o mesmo destaque e, principalmente, sem o mesmo sensacionalismo da imprensa local. Explorando esse papel de vítima, os integralistas alçaram Rosica ao posto de primeiro mártir integralista, utilizando-se do velório, que foi realizado na sede do núcleo local, e do enterro de seu militante, considerado então como “o maior que até hoje se realizou em Bauru”¹³, para atrair a simpatia da população local e arregimentar novos integrantes para suas fileiras. A morte de Rosica foi lembrada pelos integralistas nos anos posteriores, principalmente em aniversários do conflito ou da fundação da Ação Integralista, sendo o militante integralista considerado como “o primeiro martyr brasileiro na luta contra Moscou”¹⁴. Ou seja, havia, por parte da própria AIB, a visão de que aquele confronto fazia parte de um contexto muito maior de luta contra o comunismo, de defesa do nacionalismo contra o “internacionalismo”.

É importante destacar que em algumas edições do início de outubro de 1935, o *Correio da Noroeste* publicou em seu noticiário diversas informações sobre as cerimônias realizadas pelos integralistas bauruenses no aniversário da morte de Rosica, convidando o público a comparecer e posteriormente dando mais detalhes sobre os eventos. As homenagens envolviam uma missa em memória do militante, uma romaria até o seu túmulo e a realização de discursos de líderes dos camisas-verdes nesse mesmo local, e por fim uma passeata até o local do conflito do ano anterior, no qual se realizaram saudações integralistas ao “mártir” Rosica, a Plínio Salgado, e ao “Brasil uno, indivisível e forte”, com todos os presentes cantando o hino nacional, e por fim houve a cerimônia de inauguração do retrato do falecido militante bauruense na sede do núcleo local da AIB¹⁵.

O texto dessa notícia mostra claramente de que forma os integralistas utilizavam o conflito de 3 de outubro de 1934 como parte da narrativa de propaganda do movimento

¹¹ *Correio da Noroeste*, 04/10/1934: 1. Arquivo MFRB.

¹² *Folha da Noite*, 04/10/1934: 1.

¹³ *Correio da Noroeste*, 05/10/1934: 1. Arquivo MFRB.

¹⁴ *Ação*, 07/10/1936: 6.

¹⁵ *Correio da Noroeste*, 05/10/1934: 4. Arquivo MFRB.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

12

por meio da imprensa local, colocando-se na condição de vítimas dos “comunistas” que teriam assassinado Nicola Rosica, o qual era alçado ao posto de mártir, tendo sua imagem explorada como forma de promoção da causa integralista não só na ocasião da sua morte, mas também posteriormente.

Em outubro de 1934 a tensão entre integralistas e antifascistas, que já era crescente há alguns meses, tornou-se ainda maior após o conflito em Bauru, preparando o clima para novos confrontos entre esses grupos. Poucos dias depois, em 7 de outubro, no aniversário de dois anos de fundação da AIB, estava marcada uma nova marcha integralista, dessa vez no centro da cidade de São Paulo, e na qual ocorreu um novo conflito, dessa vez com um número bem maior de feridos e mortos. Segundo a imprensa bauruense, cerca de 50 camisas-verdes daquela cidade foram para São Paulo participar da marcha integralista do dia 7 de outubro¹⁶. Além disso, segundo Possas (1993: 78), que colheu o depoimento de alguns integralistas bauruenses, esses militantes foram armados para São Paulo visando proteção, o que indica uma continuidade entre os dois eventos, com alguns militantes participando dos dois conflitos. Um conflito direto entre grupos fascistas e antifascistas já era esperado, e ocorreria provavelmente na manifestação pelo aniversário da AIB, mas a violência em Bauru poucos dias antes parece ter sido uma antecipação desse conflito iminente. O medo dos antifascistas era de que os integralistas ocupassem as ruas e tentassem demonstrar para Vargas que tinham força suficiente para tomar o Estado¹⁷, em uma espécie de marcha sobre São Paulo, tal qual Mussolini havia feito em Roma em 1922. Assim, a FUA articulou um contracomício no mesmo dia e horário do evento marcado pelos camisas-verdes, buscando também o apoio de outros grupos e organizações, entre elas o PCB.

Posteriormente, os conflitos entre integralistas e antifascistas continuaram ocorrendo, mas, pelo menos do lado antifascista, por meio de novas frentes, sendo a principal Aliança Nacional Libertadora (ANL), da qual o PCB era o principal participante. Em Bauru, as disputas entre esses grupos ocorreram no meio sindical, mais precisamente no Sindicato dos ferroviários da Noroeste, como já acontecia antes de outubro de 1934.

¹⁶ *Correio da Noroeste*, 07/10/1934: 2. Arquivo MFRB.

¹⁷ *Folha de São Paulo, Caderno Folhetim*. 07/10/1984, p. 11.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

13

É importante destacarmos que, além do espaço partidário, os integralistas buscaram intervir em outros ambientes que consideravam como de grande importância, tanto para angariar novos adeptos como para combater os grupos considerados inimigos, como os comunistas. Assim, o espaço de alguns sindicatos também foi alvo da ação dos camisas-verdes, sendo os sindicatos ferroviários do interior paulista um dos maiores exemplos. Em Bauru, cidade considerada como importante entroncamento ferroviário e, portanto, na qual havia um grande número de trabalhadores dessa categoria, os integralistas também estiveram presentes no maior sindicato ferroviário local, embora fossem minoritários e não compusessem sua diretoria.

A presença de vários adeptos do Integralismo nas assembleias sindicais ferroviárias no interior de São Paulo ocorreu pelo menos a partir do ano de 1933 e, no caso de Bauru, já havia a presença de integralistas entre os ferroviários da Noroeste antes mesmo da fundação do núcleo local, em setembro de 1934. Mas apesar do crescimento da influência política dos integralistas, pelo menos até 1935 a influência dominante dentro do sindicato dos ferroviários da Noroeste ainda era comunista. É importante destacar que havia uma espécie de divisão da influência política entre os funcionários dessa ferrovia, em que as ideologias de esquerda tinham mais influência entre os trabalhadores das oficinas, e a extrema-direita, através do Integralismo, tinha mais influência entre aqueles que trabalhavam nos escritórios da Noroeste (POSSAS, 1999: 72). Após a intervenção do governo sobre o sindicato, com o seu fechamento ainda no fim de 1935, ele passou para as mãos de integralistas e outros grupos de direita, que pregavam um discurso anticomunista e se pautaram nos estatutos do sindicato para destituir a antiga diretoria, composta principalmente pelos membros da Aliança Nacional Libertadora (BRUSANTIN, 2004: 123-126). Dessa forma, dentro do contexto de reação do governo varguista após os acontecimentos de novembro de 1935, os desdobramentos da repressão aos ferroviários de esquerda que faziam parte da diretoria do Sindicato dos Ferroviários da Noroeste foram fundamentais para determinar o futuro político dessa entidade.

As disputas em torno da direção do sindicato dos ferroviários da NOB também foram retratadas pela imprensa diária bauruense, especialmente pelo *Correio da Noroeste*. Na edição do dia 1º de Março de 1936, uma nota foi publicada pela nova diretoria do

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

14

Sindicato dos Ferroviários da Noroeste e direcionada aos membros dessa entidade. Segundo as informações presentes na nota, no dia 20 de fevereiro, 30 associados haviam deliberado a iniciativa de tomar a direção do sindicato, formando uma “junta governativa”. Tal medida seria justificada, segundo os signatários, pelo fato de que a direção da organização estava “acéfala” há mais de 30 dias por conta da ausência de praticamente todos os membros da última diretoria que fora eleita, sendo que tal falta ocorria “por motivos que são de conhecimento geral”¹⁸, em uma referência à prisão de boa parte da antiga direção sindical por motivos políticos. Os novos dirigentes sindicais defendiam que a tomada da direção por essa junta era justificável, pois havia a ameaça de extinção do próprio sindicato “por falta de quem o dirigisse”. Naquele momento, a nova direção afirmava ter algumas tarefas que se impunham sobre ela e os “interesses da classe”, sendo uma das principais a de “varrer dos meios sindicais toda a contenda, discussão ou propaganda política”¹⁹.

Essas mudanças na composição e orientação da diretoria do sindicato dos ferroviários da Noroeste também podem ser notadas a partir de uma análise de edições dos jornais do próprio sindicato entre 1935 e 1937. Por exemplo, em sua edição de março de 1935²⁰, o periódico sindical publicou uma nota de protesto contra a “Lei Monstro”, em referência à Lei de Segurança Nacional, prestando solidariedade aos que estavam sendo vítimas dessa legislação repressiva. Também apresentou reportagem com dados sobre o custo de vida, principalmente de alimentação da população e as dificuldades enfrentadas por ela, textos sobre o cooperativismo como forma de luta e união dos trabalhadores e a propaganda do livro *O Continente Vermelho*, a respeito da União Soviética. Em edição de junho do mesmo ano²¹, o jornal apresentou em sua primeira página um texto com o título, “O movimento anti-christão na Alemanha”, no qual criticou fortemente o “fascismo alemão”, afirmando que este movimento buscava perseguir os cristãos “para instituir a religião germânica do paganismo”, como forma de distrair “as massas operárias e populares”, desviando-as de seu objetivo que seria a “emancipação do

¹⁸ *Sindicato dos Ferroviários da Noroeste do Brasil. Correio da Noroeste*, 1º/03/1936, p.4. Arquivo MFRB.

¹⁹ *Idem*.

²⁰ *O Sindicato*. Março de 1935: 1-2. n.º 15, ano II. Arquivo Edgard Leuenroth (AEL) /UNICAMP.

²¹ *O Sindicato*. Junho de 1935: 1. n.º 18, ano II. AEL/UNICAMP.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

15

capitalismo”, pois fascistas, nazistas e integralistas desejavam salvar o capitalismo de sua “derrocada iminente”.

Parece-me interessante a forma como o jornal mesclava a crítica social às condições de vida dos trabalhadores, a defesa dessa classe, a crítica ao Fascismo em suas diferentes vertentes e ao Capitalismo, ao mesmo tempo em que realizava a defesa do cristianismo, o que pode apontar que o sindicato teria de fato uma composição mais heterogênea do que a presença só de comunistas, embora mantivesse ainda uma orientação política de esquerda. Essa orientação parece mudar quando analisamos uma edição de maio de 1937²² de *O Sindicato*, em que é reproduzido na primeira página um texto do periódico integralista paulistano *Acção*, e no qual o cooperativismo é defendido como uma forma de colaboração entre capital e trabalho. Essa mudança na própria orientação do jornal representava um importante momento da disputa entre integralistas e antifascistas na cidade e mostra a vitória, ao menos momentânea, do grupo ligado aos integralistas dentro daquele sindicato, sendo tal mudança resultado da política sindical repressora do Varguismo contra o sindicalismo autônomo e das disputas entre grupos fascistas e antifascistas.

Considerações finais

Vimos, através das páginas anteriores, que no auge do conflito entre esquerda e extrema direita no Brasil, e dentro de um contexto mundial de acirramento das lutas entre fascistas e antifascistas, o Integralismo se utilizou da imprensa bauruense para construir a imagem dos “comunistas” enquanto o mal encarnado, principalmente nas folhas do *Correio da Noroeste*, mas também em outros periódicos, reforçando o cenário de graves e violentos conflitos políticos-ideológicos no período anterior à decretação do Estado Novo para tentar combater seus inimigos antifascistas. Assim, a imprensa, por meio das representações construídas tanto a respeito dos antifascistas, ou “comunistas”, como sobre os integralistas, colaborou para a narrativa construída pelos integralistas no conflito de 3 de outubro de 1934, contribuindo para a cenografia construída em torno do evento e, conseqüentemente, para o projeto político da AIB e o fortalecimento dos ideais fascistas em geral. Posteriormente, os integralistas ampliaram sua participação em alguns espaços da sociedade e da política bauruense, principalmente no meio sindical,

²² *O Sindicato*. Maio de 1937: 1. n° 25, ano IV. AEL/UNICAMP.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

16

ao se aproveitarem da repressão governamental contra a diretoria do Sindicato dos Ferroviários da Noroeste, no final de 1935, para tomar o poder nesse sindicato no início do ano seguinte, conquistando um espaço que, tradicionalmente, era justamente onde a esquerda local mais tinha influência anteriormente.

Fontes documentais

Correio da Noroeste.

Correio da Semana.

Folha da Noite.

Folha de São Paulo.

Gazeta da Noroeste.

O Sindicato.

Bibliografia

BERTONHA, J. F. *O antifascismo italiano em São Paulo nos anos 20 e 30*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Campinas, IFCH, Campinas, 1993.

_____. *Sob o signo do Fascio: o Fascismo, os imigrantes italianos e o Brasil, 1922-1943*. Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual de Campinas, IFCH, Campinas, 1998.

_____. *Sobre a direita: estudos sobre o Fascismo, o Nazismo e o Integralismo*. Maringá: EDUEM, 2008.

BRUSANTIN, B.M. *Anauê paulista: um estudo sobre a prática política da primeira cidade integralista do Estado de São Paulo (1932-1943)*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Campinas, IFCH, Campinas, 2004.

CARNEIRO, M.L.T; CROCI, F. (Orgs.) *Tempos de Fascismo: Ideologia - Intolerância - Imaginário*. São Paulo: EDUSP, Imprensa Oficial, Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2010.

CASTRO, R.F. *A Frente Única Antifascista (FUA) e o antifascismo no Brasil (1933-1934)*. Topoi, Rio de Janeiro, pp. 354-388, dezembro 2002.

_____. *Contra a guerra ou contra o fascismo? As esquerdas brasileiras e o antifascismo, 1933-1935*. Tese (Doutorado em História) - UFF, Niterói, 1999.

CAVALARI, R. M. F. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

**ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História
Rio de Janeiro/RJ, 2021**

17

POSSAS L.M.V. *O trágico três de outubro: estudo histórico de um evento*. Bauru, SP: Universidade do Sagrado Coração, 1993.

RIBEIRO, I.A. *O Integralismo no Sertão de São Paulo: um "fascio de intelectuais"*. Dissertação (Mestrado em História), UNESP, Franca, 2004.

TRINDADE, H. *Integralismo: o Fascismo brasileiro na década de 30*. 2. ed., São Paulo: DIFEL, 1979.